

## **UM ESTUDO SOBRE A CRÍTICA DE WITTGENSTEIN I À FILOSOFIA E A POSSIBILIDADE DE UMA ÉTICA AO EXERCÍCIO FILOSÓFICO**

A STUDY ON WITTGENSTEIN I AND CRITICISM OF PHILOSOPHY AND THE  
POSSIBILITY OF AN ETHICS OF PHILOSOPHICAL EXERCISE

*Iraceles Ishii dos Santos<sup>1</sup>*

### **Resumo:**

O presente trabalho discute se há uma ética ao exercício filosófico a partir da crítica que Wittgenstein faz à filosofia na obra *Tractatus Logico-Philosophicus*. O presente artigo encontra-se dividido em quatro seções. Num primeiro momento, na seção 1, apresentamos uma breve compreensão dos conceitos de mundo, pensamento e linguagem. Na seção 2, apresentamos a crítica de Wittgenstein à filosofia, através da exposição sobre as proposições sem sentido, os contrassensos filosóficos. Na seção 3, discutimos sobre uma possível abordagem ética da obra *Tractatus*. Por fim, na seção 4, apresentamos nossas considerações finais. Segundo Wittgenstein, os acordos tácitos utilizados para o entendimento da linguagem usual são enormemente complicados. O *Tractatus* inicia o que seria para Wittgenstein a missão da filosofia: identificar os equívocos de nossa linguagem e, assim, no reconhecimento dos limites do que pode ser expresso, compreender os limites do que pode ou não ser pensado.

**Palavras-chave:** Wittgenstein I, contrassenso, Linguagem, Filosofia.

### **Abstract:**

This paper discusses whether there is an ethics to the exercise of philosophy based on Wittgenstein's critique of philosophy in the work *Tractatus Logico-Philosophicus*. This article is divided into four sections. First, in section 1, we present a brief understanding of the concepts of world, thought and language. In section 2, we present Wittgenstein's critique of philosophy, through the exposition of meaningless propositions, philosophical nonsense. In section 3, we discuss a possible ethical approach to the work *Tractatus*. Finally, in section 4, we present our final considerations. According to Wittgenstein, the tacit agreements used to understand ordinary language are enormously complicated. The *Tractatus* begins what would be, for Wittgenstein, the mission of philosophy: to identify the errors in our language and, thus, by recognizing the limits of what can be expressed, understand the limits of what can or cannot be thought.

**Keywords:** Wittgenstein I, nonsense, Language, Philosophy.

---

<sup>1</sup> Doutoranda em Educação - Unesp (Marília). Email: [iracelesishii@outlook.com](mailto:iracelesishii@outlook.com)

## Introdução

O presente trabalho discute se há uma ética para o exercício filosófico a partir da crítica que Wittgenstein faz à filosofia na obra *Tractatus Logico-Philosophicus*. Propomos aqui compreender a tese central da primeira fase de Wittgenstein (2001, p.131): “o que se pode em geral dizer, pode-se dizer claramente: e sobre aquilo de que não se pode falar, deve-se calar” (Wittgenstein, 2001, p.131).

Sofia Miguens (2007, p.130), professora da Universidade de Porto, apresenta que há pelo menos duas possibilidades de leitura da obra da primeira fase de Wittgenstein, pela perspectiva da lógica ou pela perspectiva da ética:

De que nasce afinal o *Tractatus*? Será de facto uma obra cujo núcleo é a lógica, uma obra acerca da relação Pensamento-Linguagem-Mundo provocada pela descoberta das reflexões de Frege e Russell e pela necessidade de criticar alguns pontos específicos das teorias destes? Ou será que, como defendem A. Janik e S. Toulmin (este último aluno de Wittgenstein em Cambridge) em *Wittgenstein's Vienna*, não é de todo esse o caso, sendo a intenção do livro sobretudo ética, muito mais ligada às preocupações espirituais dos contemporâneos vienenses de Wittgenstein do que à lógica matemática de Frege e Russell vinham a desenvolver? A alternativa, e a tese interpretativa defendida por Janik e Toulmin, é que ‘o *Tractatus* é um feito ético’ (*ethical deed*). É, de resto, o próprio Wittgenstein, que chega a descrever assim sua obra.

Em seguida, Miguens diferencia os métodos da lógica seguido por Wittgenstein do problemas filosóficos que perpassam as obras de Wittgenstein. Na primeira fase, em *Tractatus*, encontramos a defesa de um modelo ideal de linguagem com base na sua leitura de um isomorfismo entre linguagem e mundo, enquanto que, na segunda fase, em *Investigações*, nos deparamos com a defesa do pluralismo dos jogos de linguagem, e uma leitura de mundo pragmática, não mais idealizadora, mas afeita ao perspectivismo (Cf. Miguens, 2007, p.145). Contudo, mesmo apresentando respostas e paradigmas distintos nas duas fases, tanto em *Tractatus* quanto na obra *Investigações Filosóficas*, encontramos seu incomodo com a filosofia.

No final do prefácio de *Tractatus*, Wittgenstein afirma contundentemente ter “resolvido” de vez todos os problemas filosóficos que permaneceram em aberto desde Platão. Nossa proposta não é analisar a veracidade dessa afirmação e se a crítica de Wittgenstein se aplica a toda filosofia, ou uma análise histórica ou historiográfica da obra do autor. Nosso objetivo é investigar através dos aforismas, se é possível compreender uma postura ética com relação ao exercício filosófico.

O presente artigo encontra-se dividido em quatro seções. Num primeiro momento, apresentamos uma breve compreensão dos conceitos de mundo, pensamento e linguagem. A seleção de aforismas segue o manual introdutório à filosofia da linguagem de Miguens (2007). Num segundo momento, realizamos a exposição sobre as proposições sem sentido, os contrassensos filosóficos. Partindo dos apontamentos sobre as proposições *unsinning* feitos por Russell na introdução de *Tractatus* (p. 113-128), destacamos: (i) as proposições que conferem predicados próprios de estados de coisas a conceitos formais; (ii) proposições que se utilizam da identidade entre objetos para se falar de uma totalidade de coisas como se fosse a própria coisa; e (iii) proposições que afirmam fatos sobre o mundo como um todo. Na seção 3, discutimos sobre uma possível abordagem ética à prática

filosófica a partir da obra *Tractatus*. Por fim, na seção 4, apresentamos nossas considerações finais.

### Os conceitos de mundo, pensamento e linguagem

Apresentamos aqui os conceitos de mundo, pensamento e linguagem elaborados por Wittgenstein I. Segundo Wittgenstein, a lógica espelha o mundo (Cf. Aforisma 5.511). As definições de mundo, pensamento e linguagem estão apresentadas entre a série do primeiro ao quarto aforisma. Essas sentenças tornam evidente a descrição de um mundo equiparável ao espaço lógico, onde nos deparamos com a busca de Wittgenstein I por fornecer as condições ou limites em que se estabelece o pensamento.

Vejamos abaixo a seleção dos aforismas sugeridos por Miguens (2007) para esses três conceitos. Iniciemos com a compreensão do mundo.

- O mundo é tudo o que é o caso. (Aforisma 1).
- O mundo resolve-se em fatos. (Aforisma 2).
- O estado de coisas é uma ligação de objetos (coisas). (Aforisma 2.01).
- O objeto é simples. (Aforisma 2.02).
- O objeto é fixo, subsistente; a configuração é o variável, instável. (Aforisma 2.0271).
- A configuração dos objetos constitui o estado de coisas. (Aforisma 2.0272).

Sendo o mundo a totalidade dos fatos, o pensamento para Wittgenstein é a figuração dos fatos:

- Figuramos os fatos. (Aforisma 2.1).
- A figuração representa a situação no espaço lógico, a existência e inexistência de estados de coisas. (Aforisma 2.11).
- A figuração é um modelo de realidade. (Aforisma 2.12).
- Aos objetos correspondem, na figuração, os elementos de figuração. (Aforisma 2.13).
- Que os elementos da figuração estejam uns para os outros de uma determinada maneira representa que as coisas assim estão umas para as outras. / Essa vinculação dos elementos da figuração chama-se estrutura; a possibilidade desta, sua forma de afiguração. (Aforisma 2.15).
- É *assim* que a figuração se enlaça com a realidade; ela vai até a realidade. (Aforisma 2.1511).
- Ela é uma régua aposta à realidade. (Aforisma 2.1512).
- Apenas os pontos mais externos das marcas da régua *tocam* o objeto a ser medido. (Aforisma 2.15121).
- A figuração, porém, não pode colocar-se fora de sua forma de representação. (Aforisma 2.174).
- O que toda figuração, qualquer que seja sua forma, deve ter em comum com a realidade para poder de algum modo – correta ou falsamente – afigurar-la é a forma lógica, isto é, a forma da realidade. (Aforisma 2.18).
- A figuração tem em comum com o afigurado a forma lógica de afiguração. (Aforisma 2.2).
- O que a figuração representa é o seu sentido. (Aforisma 2.221).
- A figuração lógica dos fatos é o pensamento. (Aforisma 3).

E por fim, os aforismas que encontramos na obra *Tractatus* que expõe o conceito de linguagem:

Na proposição o pensamento exprime-se sensível e perceptivelmente. (Aforisma 3.1).

O sinal proposicional consiste em seus elementos, as palavras, neles estão, uns para os outros, de uma determinada maneira. /O sinal proposicional é um fato.(Aforisma 3.14).

Na proposição, o pensamento pode ser expresso de modo que aos objetos do pensamento correspondam elementos do sinal proposicional.(Aforisma 3.2).

Os sinais simples empregados na proposição chamam-se nomes.(Aforisma 3.202).

O nome significa o objeto. O objeto é seu significado. ("A" é o mesmo sinal que "A"). (Aforisma 3.203).

Só a proposição tem sentido; é só no contexto da proposição que um nome tem significado.(Aforisma 3.3).

O pensamento é a proposição com sentido.(Aforisma 4).

O mundo consistiria na soma dos fatos, o pensamento é como figuramos os fatos através da lógica e a linguagem a expressão de como figuramos os fatos por meio dos sinais proposicionais. A figuração definida como um modelo de realidade é uma forma de representação da realidade no espaço lógico, a existência ou inexistência de estados de coisas. Há uma equiparação dos itens que compõem essa realidade aos elementos figurados nesse espaço lógico. E isso só se torna possível pela estrutura, ou seja, a figuração e o afigurado possuem em comum a forma lógica. Assim, a forma lógica e a forma da realidade são equivalentes. O resultado disso é o pensamento, e o seu sentido é o mundo dos fatos.

A forma como Wittgenstein enuncia seus aforismas estão condizentes com sua proposta de desembaraçar a linguagem de erros, como por exemplo, de confusões categoriais, ao se atribuir propriedades de coisas ou de objetos aos pseudoconceitos de objetos (como é o caso da existência, que veremos na explicação da próxima seção sobre as proposições sem sentido). Acreditamos que esse cuidado condiz com um cuidado ético sobre aquilo que pode ser dito.

Parece que Wittgenstein, ao equiparar as fronteiras da linguagem com as fronteiras do mundo tinha como objetivo encontrar limites ao exercício filosófico. Contudo, isso o levou a uma leitura sobre a totalidade do mundo e da linguagem, e, dessa forma, aos mesmo problemas metafísicos que se opunha em sua filosofia. O isomorfismo entre linguagem e mundo acabaram por colocar a obra de Wittgenstein I nos moldes de uma concepção idealista. Porém, nos interessa compreender o caminho, o exercício filosófico que Wittgenstein I executa em seus escritos que possibilitam pensar uma ética para os estudos de filosofia. Destacamos o trabalho de encontrar argumentos que sustentem a existência de parâmetros ou limites ao uso da linguagem e, por conseguinte, à própria filosofia. Para isso, na próxima seção, discutimos as proposições sem sentido.

### **Sobre as proposições sem sentido**

Encontra-se na obra *Tractatus* a distinção de três espécies de proposições: *sinnlos*, proposições vazias de sentido que constituem a lógica e a matemática; *sinnvol*, proposições com sentido que são próprias das ciências naturais; e por fim, aquelas que são *unsinning*, ou seja, contrassensos, as proposições metafísicas (Miguens, 2007, p. 110). As proposições *unsinning* são frutos do mau uso da linguagem ou do desconhecimento da lógica de nossa linguagem.

Segundo Wittgenstein,

O homem possui a capacidade de construir linguagens com as quais se pode exprimir todo sentido, sem fazer ideia de como e do que cada palavra significa – como também falamos sem saber como se produzem os sons particulares. A linguagem corrente é parte do organismo humano, e não menos complicada do que ele. É humanamente impossível extrair dela, de modo imediato, a lógica da linguagem. A linguagem é um traje que disfarça o pensamento. E, na verdade, de um modo tal que não se pode inferir, da forma exterior do traje, a forma do pensamento trajado; isso porque a forma exterior do traje foi construída segundo fins inteiramente diferentes de tornar reconhecível a forma do corpo. Os acordos tácitos que permitem o entendimento da linguagem corrente são enormemente complicados. (Aforisma 4.002).

Na citação acima, temos a narrativa do desencontro entre a construção orgânica da linguagem corrente e o entendimento de como utilizá-la sem complicações. Esse desencontro fornece o trabalho a ser desenvolvido pela filosofia. Contudo, segundo Wittgenstein I, as complicações da linguagem em seu contexto natural foram reproduzidas pela própria filosofia:

A maioria das proposições e questões que se formularam sobre temas filosóficos não são falsas, mas contra-sensos. Por isso, não podemos de modo algum responder a questões dessa espécie, mas apenas estabelecer seu caráter de contra-senso. A maioria das questões e proposições dos filósofos provém de não entendermos a lógica de nossa linguagem. (São da mesma espécie que a questão de saber se o bem é mais ou menos idêntico ao belo.) E não é de admirar que os problemas mais profundos não sejam propriamente problemas. (Aforisma 4.003).

Assim, a linguagem na forma orgânica e intuitiva gerou os equívocos que Wittgenstein I propõe à filosofia estabelecer seu caráter de contrassenso, reformulando-as. Porém, cabe a ela também reconhecer as questões que não podem ser respondidas por não se constituírem como legítimos problemas. Uma vez que as questões filosóficas que não possuem sentido são pseudoproblemas. Apresentamos a seguir as confusões levantadas por Wittgenstein I que comumente ocorreriam nos discursos filosóficos.

Com base na distinção entre mundo, pensamento e linguagem, destacamos a distinção entre o pseudoconceito de objeto e o próprio objeto. Atribuir propriedades das coisas ou configuração dos estados de coisas aos conceitos formais consiste num dos equívocos presentes nos discursos filosóficos. Isso ocorre quando se atribui a propriedade *existência* aos conceitos formais como liberdade, causalidade, essência. Uma vez que os conceitos formais são vazios de sentido não é possível lhes atribuir as propriedades ou as configurações dos estados de coisas. Considerando que a palavra “é” pode servir de cópula, de sinal de igualdade e também como expressão de existência, os equívocos podem ser cada vez mais profundos.

Afirma Wittgenstein:

Assim, o nome variável “x” é o sinal propriamente dito do pseudoconceito objeto. / Onde quer que a palavra “objeto” (“coisa”, etc.) seja usada corretamente, será expressa na ideografia pelo nome variável. / Por exemplo, na proposição “há 2 objetos tais que...”, por “( $\exists x, y$ )...”. / Onde quer que ela seja usada de outra maneira, como um termo conceitual propriamente dito, portanto, surgem pseudoproposições, contra-sensos. Não se pode dizer, por exemplo, “há objetos” como se diria “há livros”. Nem tampouco “há 100 objetos” ou “há  $X_0$  objetos”. E é um contra-senso falar do número de todos os objetos. O mesmo vale para as palavras “complexo”, “fato”, “função”, “número”, etc. Todas

elas designam conceitos formais e são representadas na ideografia por variáveis, não por funções ou classes. (Como acreditavam Frege e Russell.) Expressões como “1 é um número”, “há apenas um zero” e todas as similares são contra-sensos. (Tanto é um contra-senso dizer “há apenas um 1” quanto o seria dizer: “2+2 é às 3 horas igual a 4”.) (Aforisma 4.1272)

Questões que atribuem, então, o predicado de existência aos conceitos formais resultam em contrassensos, pois a existência é uma propriedade do objeto e não de conceitos formais. Essas questões não são, segundo Wittgenstein I, possíveis de serem respondidas.

Segundo Russell, na introdução da obra *Tractatus* (2001, p.122), a rejeição da identidade elimina um método, enormemente utilizado na filosofia, para se falar da totalidade das coisas. Como visto no aforisma citado acima, não se pode dizer *há objetos* da mesma forma que se diz *há livros*. A identidade aplicável aos termos de sentido vazio da matemática não pode ser utilizada a nomes que simbolizam elementos reais. Explicita Russell (2001, p.122): “objetos só podem ser mencionados em conexão com alguma propriedade definida. Podemos dizer “há mais de três objetos que são humanos” ou “há mais de três objetos que são vermelhos (...)”. Pois, segundo Wittgenstein não é possível afirmar sobre a totalidade da coisa, o que ocorre quando se afirma erroneamente que há objetos.

Afirma Wittgenstein:

Que a identidade não é uma relação entre objetos, é evidente. Isso fica muito claro quando se considera, por exemplo, a proposição “ $(x):fx. \supset .x=a$ ”. O que essa proposição diz é simplesmente que *apenas a* satisfaz a função *fx*, e não que satisfazem a função *fx apenas* coisas que mantenham uma certa relação com *a*./ Poder-se-ia, é certo, dizer que é justamente *apenas a* que mantém essa relação com *a*, mas, para exprimi-lo, precisaríamos do próprio sinal de igualdade. (Aforisma 5.5301).

Em termos aproximados: dizer de duas coisas que elas são idênticas é um contra-senso e dizer de uma coisa que ela é idêntica a si mesma é não dizer rigorosamente nada. (Aforisma 5.302).

Se duas variáveis mantêm uma relação de igualdade, significa que são uma e a mesma coisa na realidade, simbolizam um único objeto, ou seja, é uma proposição vazia de sentido. Segundo Wittgenstein I, afirmar que duas coisas são idênticas é um contrassenso. As proposições filosóficas que pautam-se na identidade das coisas para afirmar ou negar, como a busca por definir o que é a natureza humana, e demais questões de caráter ontológico, não possuem sentido. Uma vez que pretendem igualar objetos distintos.

Afirmações sobre a totalidade do objeto, ou seja, sobre o mundo como um todo, criam a imagem de que é possível seu interlocutor situar-se fora do tempo e do espaço, para então analisar de forma pretensamente neutra o mundo. Esse equívoco pode ser denominado como o problema da generalidade.

Segundo Bertrand Russell, na introdução de *Tractatus* (2001, p.123):

Irregularidades notacionais são frequentemente o primeiro sinal de erros filosóficos, e uma notação perfeita seria um substituto para o pensamento. No entanto, ainda que a notação possa ter inicialmente sugerido ao Sr. Wittgenstein a restrição da lógica às coisas no interior do mundo, em oposição ao mundo como um todo, uma vez sugerida essa restrição, revelam-se muitas outras coisas que a recomendam.

Assim, o mundo conforme descrito por Wittgenstein em seus primeiros aforismas apresenta caracteres diversos da compreensão do mundo como um todo. Somente com relação ao primeiro, restrito ao espaço lógico, é possível falar em substância do mundo.

Wittgenstein afirma que: “se não posso especificar *a priori* as proposições elementares, querer especificá-la deve redundar em contra-senso manifesto.” (Aforisma 5.5571); e que: “os limites de minha linguagem significam os limites de meu mundo.” (Aforisma 5.6). Esses limites são preenchidos pela lógica e, conseqüentemente, assinalar de forma generalista suas propriedades externas, afirmando sobre o que há no mundo, seria ultrapassar os limites daquilo que lhe é possível:

(...) pois, do contrário, a lógica deveria ultrapassar os limites do mundo: como se pudesse observar esses limites também do outro lado. / O que não podemos pensar, não podemos pensar; portanto, tampouco podemos *dizer* o que não podemos pensar. (Aforisma 5.61).

Nessa seção vimos que confusões entre o pseudoconceito de objeto e o próprio objeto, explicações de caráter ontológico que buscam igualar objetos distintos e afirmações generalizadoras sustentam a crítica que Wittgenstein I faz à filosofia. Exposto os contrassensos que comumente ocorreriam nos escritos filosóficos, na próxima seção, discutimos qual papel a filosofia deveria cumprir, o que supostamente a obra *Tractatus* teria iniciado.

### Uma possível abordagem ética em *Tractatus*

Wittgenstein (2001, p. 131), no prefácio da obra, afirma que:

O livro pretende, pois, traçar um limite para o pensar, ou melhor - não para o pensar, mas para a expressão dos pensamentos: a fim de traçar um limite para o pensar, deveríamos poder pensar os dois lados desse limite (deveríamos, portanto, poder pensar o que não pode ser pensado).

Traçar um limite para o que pode ou não se dizer seria uma preocupação lógica? Segundo Russell (2001, p. 114) a pergunta sobre qual relação um fato, ou mesmo uma sentença, deve manter com outro para ser configurado como um símbolo é uma questão lógica, e sobre ela se refere o *Tractatus*. A lógica teria o trabalho de tratar “(1) as condições em que combinações de símbolos têm sentido e não são contra-sensos; (2) as condições em que símbolos ou combinações de símbolos têm um único significado ou referência” (*idem, ibidem*). De fato, o método escolhido por Wittgenstein I seria a lógica. Mas o propósito da obra não parece ser um problema da lógica.

O desafio proposto por Wittgenstein I à filosofia impõe o exercício de se situar no tempo e no espaço a partir da compreensão dos limites da linguagem. Muito dos anseios filosóficos, ou, dos anseios gerados pela própria filosofia, como a busca pelo sentido da vida, escapam dos limites do que pode ser dito. Wittgenstein afirma de forma contundente que mesmo se todas as questões científicas fossem solucionadas, “nossos problemas de vida não terão sido sequer tocados” (Aforisma 6.52). O enigma da vida não existe, pois todo problema pressupõe sua solução. O que se pode dizer sobre o mundo são as proposições da ciência natural, algo como

o próprio Wittgenstein faz questão de deixar claro, que nada tem a ver com a filosofia.

Contudo, embora Wittgenstein negue a existência de enigmas (aforisma 6.5), afirma que há o inefável: “Há por certo o inefável. Isso se *mostra*, é o Místico.” (Aforisma 6.522). Compreender aquilo que pode dizer daquilo que não pode ser dito, pode nos orientar a uma outra interpretação daquilo que não pode ser dito, como aquilo que deve ser vivenciado. A preocupação com os limites do que pode ser dito, e quiçá devam ser vivenciados por meio da arte e de outras manifestações humanas, não são preocupações que possam ser compreendidas segundo os estudos de lógica.

A ética possível em *Tractatus* parece consistir na ética do que é possível dizer e, por outro lado, do que é possível pensar. Pois, retomando a seção anterior, os contrassensos descritos pela confusão de objeto com o seu pseudoconceito, pelo equívoco em se igualar coisas distintas e pelo problema da generalidade, sugerem um movimento filosófico que consiste na correção dos erros de linguagem que nos orientam a uma possível correção da própria capacidade de pensar sobre o mundo.

O propósito de traçar os limites do que pode ser dito, ou mesmo do que talvez possa ser pensando, e por outro lado, daquilo que deva ser vivenciado, têm proporcionado à filosofia, desde a publicação de *Tractatus*, o cuidado na construção de discursos filosóficos. Principalmente entre pesquisadores que almejam estabelecer trocas com pesquisadores de outras áreas de conhecimento. Pois, fornece ferramentas que proporcionam um discurso sem as confusões teóricas que tornam os textos de filosofia obscuros.

Na atividade filosófica metafísica, oposta ao propósito de estabelecer limites do que pode ser dito, o desafio parece ser de encontrar palavras que consigam expressar o que nos escapa. O que nos leva a ideia da possibilidade de seus autores *estarem*, mesmo que por alguns segundos, fora do tempo e do espaço para que conseguissem capturar por palavras aquilo que parece ser improvável de ser feito.

Acreditamos que a preocupação ética de *Tractatus* reside nessa busca em traçar um limite para o pensar. Esse limite, conforme explicitado acima, ocorre no exercício da demarcação da expressão do que pensamos. Ou seja, pela ação de corrigir o modo como expressamos nossos pensamentos, conjeturamos o que não pode ser pensado. Assim, encontra-se implícito no exercício de estabelecer o caráter de contrassenso, conforme descrito anteriormente, de correção das expressões de ideias, um cuidado ao exercício filosófico que tem podido ou podem proporcionar um maior alcance de público e interlocutores de outras áreas de conhecimento.

## Considerações finais

Iniciamos o presente trabalho apresentando as concepções de mundo, linguagem e pensamento. Tais conceitos forneceram a base para compreensão do que Wittgenstein compreende como equívocos da linguagem dos quais a filosofia faz parte. Segundo Wittgenstein, os acordos tácitos utilizados para o entendimento da linguagem natural são enormemente complicados, e a filosofia, até então, não havia se dedicado em compreendê-los. Num segundo momento, apresentamos a crítica de Wittgenstein à filosofia, expondo a discussão sobre as proposições sem sentido. Os contrassensos filosóficos nos levam a problemas insolúveis e, portanto, a pseudoproblemas. As discussões filosóficas estariam, segundo Wittgenstein,



repletas de equívocos, fruto do mau uso e da incompreensão da linguagem e de sua lógica.

O *Tractatus* inicia o que seria para Wittgenstein a missão da filosofia, que defendemos aqui, como uma tarefa ética. Identificar os equívocos de nossa linguagem na expressão do que pensamos nos levaria a conjecturar o que não pode ser pensado. Wittgenstein é um filósofo peculiar. Mesmo consideradas as circunstâncias históricas, as aspirações do Círculo de Viena, propor pensar os limites do que pode ser pensado é algo desafiador. Acreditamos que a preocupação ética proposta em *Tractatus* tenha espaço nas discussões filosóficas contemporâneas. Pois, parece ser crucial reconhecer os limites (do que pode ser dito, e assim, do que pode ser pensado) para rever o nosso lugar no mundo, na construção de uma relação com outrem que não gere destruição e exploração, ou até mesmo de um discurso filosófico menos obscuro e acessível a diversos públicos.

### Referências e bibliografia

HACKER, P. M. S. Wittgenstein. Sobre a Natureza Humana. Tradução de João Vergílio Lengalengar Cuter. São Paulo: Editora UNESP, 2000. (Coleção Grandes Filósofos)

MIGUENS, Sofia. Filosofia da Linguagem – Uma Introdução. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2007.

RUSSELL, B. “Introdução”. In: *Tractatus Logico-Philosophicus*. Trad. Luiz Henrique Lopes dos Santos. 3. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2001.

WITTGENSTEIN, Ludwig. *Tractatus Logico-Philosophicus*. Tradução de Luiz Henrique Lopes dos Santos. 3. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2001.

WITTGENSTEIN, Ludwig. *Investigações Filosóficas*. Tradução de José Carlos Bruni. São Paulo: Editora Nova Cultural, 1999.

Recebido em: 06/2024  
Aprovado em: 10/2024